

PLÍNIO SALGADO E INTEGRALISMO: RELAÇÃO FRANCO-LUSO-ITALIANA¹

Leandro Pereira Gonçalves²

Resumo: Este ensaio tem como objetivo a investigação da trajetória de Plínio Salgado para a formação e o desenvolvimento do integralismo brasileiro. Com matrizes múltiplas tinha como propósito a construção de uma doutrina política original. No entanto a circularidade de ideias do período fez com que o Chefe sofresse influências consideráveis para a formação de seu pensamento, tendo, em Portugal, o exemplo doutrinário, o Integralismo Lusitano: um movimento de cunho nacionalista da direita radical que teve visível formação embasada na precursora do conservadorismo, a *Action Française*, que assim como todos os grupos políticos do princípio do século XX estabeleceram uma resposta prática à teoria proferida pelo Papa Leão XIII, em 1891, através da *Rerum Novarum*. Com base no conceito de cultura política, o artigo propôs a análise do pensamento do líder integralista centrada no contexto de influência lusitana e basicamente católica, preceito que o acompanhou por toda a vida.

Palavras-chave: Plínio Salgado, Integralismo Lusitano, Conservadorismo Radical, Brasil-Portugal.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi criada oficialmente no dia 7 de outubro de 1932, na cidade de São Paulo, estabelecendo-se como um grupo político que tinha como propósito a formação de um grande movimento nacional. A partir de então, logrou intenso e rápido crescimento, ascendente até a decretação do Estado Novo brasileiro, em novembro de 1937.

Através desse movimento político, ficou conhecido Plínio Salgado, líder do grupo que se apresentava como um movimento de despertar da nação. O integralismo, por meio de um forte discurso com uma sólida base cristã, canalizava para a ação política as angústias e temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento de sua incorporação ao processo político.

A AIB pode ser considerada como o “mais bem sucedido dos movimentos fascistas latino-americanos”.³ É possível identificar a existência de fascismo fora do continente europeu, pois o movimento é um fenômeno predominante, mas não exclusivamente europeu, sendo a AIB o único caso de movimento fascista latino-americano.⁴

Não há dúvidas de que o momento auge do integralismo e de Plínio Salgado na política brasileira foi o período relativo à legalidade da AIB, no contexto de fascitização que viveu o Brasil nos anos 1930.⁵ Através do movimento, consolidou-se como líder e intelectual com pretensões ambiciosas na sociedade brasileira do período entre guerras. Ao estudar o

¹ Artigo publicado originalmente em: *Lusitânia Sacra*: Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. 2ª série. Tomo XXVI. V. 26. p. 133-154 Jul-Dez-2012.

² Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Brasil (PUC-SP) com estágio (*Junior Visiting Fellow*) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Investigador estrangeiro associado do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR/UCP). Estudo realizado com auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil). Artigo inspirado na tese de doutoramento: GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal*: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 668f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

³ PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis*: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal – 1914-1945. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p. 143.

⁴ GRIFFIN, Roger. The nation reborn: a new ideal type of generic fascism. *Paper apresentado no XV World Congress of the IPSA*, Buenos Aires, p. 33-38, jul. 1991.

⁵ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário*: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 16.

movimento integralista e o seu pensamento político, verifica-se uma concentração quase que totalizante no período em questão, um dos motivos está na importância que a AIB obteve na década de 1930, principalmente nas relações políticas e influências externas.⁶

No processo de continuidade das discussões idealizadas com a presença de Salgado, em São Paulo, na década de 1920, ocorreu a fundação da AIB, arrolada no pensamento deste líder surgido sob a égide modernista (reformista). Assim, entende-se, que o pensamento pliniano possuiu um momento de cristalização no período intelectual de São Paulo, pautado no grupo Verde-Amarelo e no posterior movimento Anta. Dessa forma, vê-se que:

Das escaramuças de rua para a conversão, em 1932, na Ação Integralista Brasileira, e daí para o primeiro desfile dos ‘camisas-verdes’ em 23 de abril de 1933, a trajetória da “brasilidade integral” viria marcar o último passo da aventura revolucionária do grupo. Em um de seus últimos manifestos importantes, uma reunião de textos programáticos publicada por Plínio Salgado em 1935, será possível vislumbrar [...] a proposta de reformular as

⁶ As primeiras pesquisas sobre o tema ficaram a cargo das Ciências Sociais, que até hoje são referências para qualquer investigador do tema. Não há pesquisador que não tenha esbarrado em nomes como Héglio Trindade, José Chasin, Gilberto Felisberto Vasconcellos ou Marilena Chauí. Sem dúvida, o ponto de partida para um pesquisador do integralismo está no estudo realizado pelo cientista político Héglio Trindade, nos anos de 1967 a 1971, na *Université Paris 1 (Panthéon- Sorbonne)* denominado: *L’Action intégraliste brésilienne: un mouvement de type fasciste au Brésil*. Com a conclusão, a tese foi traduzida e publicada no Brasil, em 1974, sob o título: *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Esse estudo promoveu a entrada da temática no meio acadêmico, sendo responsável por tornar conhecido o movimento, além de ter sido alvo de novas interpretações. Após o citado estudo, houve o desenvolvimento de novas pesquisas acerca do integralismo nas ciências sociais, trabalhos que tiveram como aporte a crítica à tese de Héglio Trindade. A primeira pesquisa a contrapor foi o clássico estudo de José Chasin que, no ano de 1977, defendeu a tese de doutoramento *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. Nela criaram-se novas concepções para analisar o integralismo de Plínio Salgado, questão que provocou diversos debates entre o autor e Trindade. A tese, que foi publicada no ano de 1978 com o mesmo título, teve o intuito de analisar o pensamento de Plínio Salgado dentro de uma concepção dialética lukacsiana. Ainda em 1977, ocorreu na Universidade de São Paulo a defesa de doutorado intitulada *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*, escrita pelo cientista social, Gilberto Felisberto Vasconcellos. Publicada em 1979, criou, sob a orientação do Professor Doutor Gabriel Cohen, uma terceira via de análise do pensamento integralista, remetendo a questões relacionadas ao movimento modernista, grupo a que pertence o líder da AIB, Plínio Salgado. Fechando as pesquisas e leituras referentes ao integralismo na década de 1970, tem-se o estudo da filósofa Marilena Chauí que, para o livro *Ideologia e mobilização popular*, datado de 1978, escreveu o capítulo *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. No artigo, a autora promoveu a continuidade da criação de novos modelos interpretativos do integralismo e embasada no marxismo, elaborou um estudo em que faz referência às classes envolvidas no movimento. A quadríade (Trindade, Chasin, Vasconcellos e Chauí) passou a ser ponto de referência essencial para o estudo do movimento integralista, influenciando de forma direta os estudos, mas ainda contidos nas ciências sociais e filosofia. Somente em meados da década de 1980, o integralismo passou a ser analisado, de forma tímida, dentro da academia histórica. Crê-se que essa opção caminhava ao lado das fortes relações do meio com o pensamento marxista e até mesmo pelos *Annales*, que não viam a História Política como algo necessário na ocasião, ainda mais uma temática de cunho conservador. Com a passagem do tempo e alterações metodológicas, a História Política passou a ter importância nos diálogos e fez do integralismo uma prática de pesquisa recorrente, mas ainda vista com certo ar de preconceito em determinados segmentos. Cf. TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979; CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 2. ed. Belo Horizonte: Una, 1999; VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979; CHAUI, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. In: _____; FRANCO, Maria Sylvania Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

⁶ PRADO, Antônio Arnoni. *1922 – itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a semana e o integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 93-94.

bases da vida cultural e institucional da Nação, visando, de um lado, superar a nossa independência intelectual e política dos centros europeus.⁷

Verifica-se uma importância significativa da movimentação literária de Plínio Salgado na contextualização política, tendo o romance *O estrangeiro*⁸ e os manifestos do grupo modernista como elementos chave para a compreensão da idealização da AIB, uma vez que o cunho nacionalista e ufanista, além do conservadorismo radical, foi a tônica presente no grupo, pois o que lhe cabia era reinventar o sentimento de brasilidade latente.⁹

A “brasilidade integral”, fundamentação proposta por ele para o integralismo, teve um objetivo muito claro e explícito de sintetizar os elementos conquistados nos espaços culturais e políticos dos últimos anos de atuação em São Paulo, tendo a religiosidade espiritual como elemento central do discurso e ação do movimento. Foi nesse momento, vésperas da fundação da AIB e período posterior à Semana de Arte, no auge das discussões e debates sobre o conceito de nacionalismo, que identificou em si “a passagem do *poeta-construtor* para o *homem-índice*, ou, em outros termos, do *gênio literário* para o *gênio-político*”.¹⁰ Tais expressões foram utilizadas sem modéstia, pelo líder integralista, ao analisar a necessidade do surgimento de novos homens públicos no Brasil:

Ao Brasil tem faltado essa *virtú* nos seus homens públicos. E tem faltado, não por ausência de capacidade política, mas em consequência de não se haver ainda conjugado num único homem o alto senso teórico e o exato senso pratico, a ciência e a arte, a inteligência e a ação, a cultura e a experiência. Entretanto, nós possuímos todos os elementos para suscitar o aparecimento do nosso gênio político. Ele só poderá surgir de um movimento nacional. Sem criar o movimento em todas as províncias, não temos o direito de esperar ‘um homem’ [...] Nunca teremos o nosso gênio político, o nosso homem índice, se nos pusermos a sonhar e esperar aquilo que só poderá sair de nós mesmos, num Porvir que dependerá do Presente.¹¹

Notória a relação que é feita pelo autor em artigo escrito em 1931, véspera de fundação da AIB, ao afirmar que o *gênio* surgirá de um movimento nacional. A investigação não o define como um intelectual modernista, mas sim como um oportunista que usou o movimento de vanguarda como uma espécie de vitrine para surgir no cenário político brasileiro. Ele dizia: “É preciso que nós, intelectuais, tomemos conta do Brasil. Definitivamente. Temos de romper com a tradição medíocre da política. [...] Estamos fartos de vivermos, nós, intelectuais, à sombra dos poderosos. Queremos mandar”.¹²

Para isso, era preciso atingir uma determinada intelectualidade, questão que ele mesmo afirmou, em 1933, no prefácio do livro *Psicologia da Revolução* quando escreveu: “Este livro não é um livro para o povo, mas para os que pretendem influir nos destinos do povo. Aos políticos e aos intelectuais é que me dirijo nestas páginas”.¹³ Esse caminho já havia sido feito pelos congêneres, como a *Action Française* e o Integralismo Lusitano (IL), que iniciaram as reflexões no âmbito da literatura e estabeleceram uma passagem para a política: “O Integralismo Lusitano, à semelhança da sua congênera francesa, *Action Française*, passou

⁷ Ibidem.

⁸ Romance escrito em 1926. SALGADO, Plínio. *O estrangeiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936b.

⁹ PRADO, op. cit., p. 77.

¹⁰ Ibidem. p. 99.

¹¹ SALGADO, Plínio. A “Virtú” de Machiavel. In: _____. *Despertemos a Nação!* Rio de Janeiro: José Olympio, 1935a. p. 115-116.

¹² Correspondência de Plínio Salgado a Ribeiro Couto, 05 jul. 1933. (Fundação Casa de Rui Barbosa/Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros – FCRB/APEB-Pop: 28177).

¹³ SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935d. p. 9.

de literário para a atuação e influência política e o seu nacionalismo de estético-literário tornou-se político”.¹⁴

Ao analisar a formação do integralismo português, resgatam-se reflexões de um dos precursores do movimento, António Sardinha, que utilizou, por sua vez, o pensamento do idealizador da *Action Française*, Charles Maurras, para elucidar este processo de passagem do movimento da literatura para a política:

Como Sardinha, lembrará mais tarde ‘Charles Maurras disse um dia [...] *les lettres nous ont conduit à la politique [...] mais notre nationalisme commence pour être esthétique*. Ao pensar um pouco nas nossas origens literárias [...] eu reconheço que também a nós as Letras nos conduziram à política’.¹⁵

Há um ponto de unidade entre os movimentos conservadores radicais que promoveram a influência do pensamento idealizado por Plínio Salgado, pois para ele era preciso atingir a intelectualidade para delinear um projeto corporativista. Somente com o aceite da intelectualidade brasileira, conseguiria legitimar o seu discurso. Dessa forma, agia como um vanguardista, detentor de um discurso revolucionário, no entanto, o que estava em jogo era a possibilidade de oficialização de suas ideias no cenário político brasileiro. Em 1933, o autor lançou dois livros simultâneos, o já citado *Psicologia da Revolução* e *O que é integralismo*. No prefácio do primeiro, o autor demonstrou a necessidade de justificar seus atos em tom intelectualizado:

Aos políticos e aos intelectuais é que me dirijo nestas páginas. Nossa crise maior é do pensamento. Sem que esta seja resolvida, não poderemos solucionar o problema da Nação. Evidente que esse trabalho enorme não compete apenas a mim, nem me apresento com a vaidade fútil de ensinar a tantos mestres que me habituei a ouvir e cujos livros compulso. A construção é nacional e nela deve colaborar todos os brasileiros. Este livro é um convite aos intelectuais, aos políticos para que restauremos no Brasil o primado do Espírito, da Inteligência, da Virtude; para que não nos conservemos passivos a afirmar que outro recurso não há, senão deixar correr o barco. O Homem pode interferir na marcha social. E quando a sociedade está se dissolvendo, e quando vai o país a pique de se desagregar, então essa interferência deixa de ser tão só uma possibilidade, porquanto se impõe como um dever. Dedicado à massa popular, dou a público, juntamente com este, outro volume, sob o título: *O que é integralismo*. Ali começo a fazer trabalhar uma ideia na multidão. Aqui, porém, lanço a ideia nuclear, da qual deriva a outra, afim de que este livro desperte novos apóstolos de um movimento que considero o único salvador da Pátria na hora presente.¹⁶

¹⁴ FERREIRA, Nuno Simão. A I República e os integralistas: a visão de Alberto de Monsaraz. *Lusíada*: história, Lisboa, n. 5-6, p. 237-193, 2009. p. 256.

¹⁵ PINTO, António Costa. A formação do integralismo lusitano (1907-17). *Análise Social*, Lisboa, n. 70, p. 1409-1419, 1983. p. 1413.

¹⁶ SALGADO, 1935d, op. cit., p. 9-10. Em 1937, ao lançar a 3ª edição, o autor altera o discurso devido à grande vendagem do livro: “A procura constante deste livro demonstra que ele continua a ser oportuno e tem logrado alcançar a compreensão dos brasileiros. [...] A procura incessante demonstra-me que este livro se tornou um livro do povo. [...] Quanto a tese aqui exposta, ela está plenamente vitoriosa.” Segundo Plínio Salgado, o livro deixou de ser unicamente voltado para a intelectualidade. SALGADO, Plínio. *Psycologia da Revolução*: revista e enriquecida de novas anotações e um prefácio do autor. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937a. p. 5-6.

Ele estava, na década de 1920, em busca do papel de intelectual. Por isso, mesmo no livro destinado ao “povo”, fazia questão de deixar explícita a imagem de intelectual que pretendia criar sob a sua personalidade e principalmente sob o movimento integralista, afirmando: “O integralismo dará um altíssimo relevo aos pensadores, filósofos, cientistas, artistas, técnicos, proclamando-os supremos guias da Nação”.¹⁷ Em uma carta ao poeta Ribeiro Couto¹⁸, analisou as duas obras e lamentou os problemas editoriais, principalmente pela importância do livro:

Não sei se V. viu um livrinho que o Schmidt publicou: um desastre a revisão, um relaxamento a impressão. Estou indignado. Em todo o caso, passando por cima das asneiras com que os tipógrafos escangalharam com o livro, peço-lhe que o veja. Tem um tom mais panfletário do que doutrinário, porque o outro, o das elites, é o que deverá sair, chamado *Psychologia da revolução*. É nele que estão as bases filosóficas.¹⁹

Em julho de 1933, com menos de um ano da fundação da AIB, Plínio Salgado se vangloriava da aceitação que o movimento estava atingindo na sociedade letrada: “Em S. Paulo, o movimento vai crescendo. Os intelectuais estão compreendendo o alto sentido desta campanha. A classe estudantina já se conta por muitas centenas. Os estudantes estão aproveitando as férias para fazer conferências pelo interior todo”.²⁰

Nota-se que assumia um papel de intelectual com dupla função: atingir a intelectualidade para alcançar a aceitação do movimento e de panfletário, ou seja, doutrinador e manipulador da classe não letrada. Afirmava: “Este nosso movimento deve se desdobrar em dois planos: o popular, e o cultural. Enquanto um modifica o ‘sentimento’ da massa; o outro cria os líderes, os chefes, os que deverão conduzi-la, quando vencermos”.²¹ Artifício como esse, de valorização do intelectual já era de conhecimento da sociedade política e cultural, uma vez que líderes de movimentos políticos colocavam-se como intelectuais perante a sociedade. Assim fez o IL, através de Hipólito Raposo, autor que, ao analisar o movimento, destacou: “eles não podem imaginar o que foi o nosso drama intelectual, nem compreender o desvario das nossas caminhadas, através de erros sedutores que nos afiguravam certezas dogmáticas”.²² Plínio Salgado, por sua vez, colocava-se como o detentor do único movimento verdadeiramente intelectual, uma busca visível de aceitação oportunista na sociedade política:

O Brasil não tem tipo filósofos nem criadores do direito. O que temos tido são divulgadores, compiladores, comentadores, hermeneutas, causídicos e rábulas. Daí o nosso charlatanismo, o nosso empirismo, o nosso unilateralismo expresso no provincianismo político e no estudo em separado de cada problema nacional, que nunca se subordina ao quadro geral dos problemas nacionais. Essa é a ordem cultural que o integralismo está criando.²³

Esse pensamento foi recorrente, mas ambiguidades marcaram a organização do pensamento de Salgado. Comparada com outros modelos e organizações políticas, a proposta

¹⁷ Idem. *O que é o integralismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Schmidt, 1937b. p. 136.

¹⁸ Membro da Academia Brasileira de Letras foi autor de obras literárias e teve atuação em vários jornais, inclusive no *Correio Paulistano* ao lado de Plínio Salgado.

¹⁹ Correspondência de Plínio Salgado a Ribeiro Couto, 05 jul. 1933. (FCRB/APEB-Pop: 28177).

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² RAPOSO, Hipólito. *Dois Nacionalismos: L’Action Française e o Integralismo Lusitano*. Lisboa: Ferei Torres, 1929. p. 33.

²³ SALGADO, Plínio. O problema da ordem. In: _____. *A doutrina do Sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935c. p. 42.

pliniana não representou originalidade, não foi nada mais que um mimetismo teórico importado do centro cultural que ele tanto combatia, a Europa.²⁴ Posições com o objetivo de legitimação da originalidade eram contínuas nos movimentos denominados nacionalistas. O IL, por exemplo, afirmava ser uma organização política que tinha como pretensão negar qualquer influência estrangeira.²⁵ O momento não permitia discursos de aceitação de influências, por mais que ela fosse evidente, como na falta de originalidade do movimento integralista brasileiro, assim como no lusitano. Ao estabelecer análises em torno da perspectiva econômica do IL, pode-se afirmar:

Ora foi orientação global do IL afirmar que as premissas especulativas da economia podem ser infletidas em duas direções muito diferentes: ‘economia nacionalista cristã’ ou ‘economia materialista’. Na primeira, o maior grau possível de liberdade de aquisição de bens é atingível pela integração nacional dos fins ditados pela lei natural. Na segunda, o princípio hedonista deixa de ser meramente funcional para se tornar princípio originador de uma sociedade de tipo liberal ou de tipo soviético. A contraposição destas duas economias estava de há muito feita por Le Play, por exemplo, ou na Doutrina Social da Igreja, pelo que *os integralistas não foram nem pretenderam ser originais*.²⁶

Além de não haver originalidade, os citados movimentos conservadores radicais não apresentaram nada de moderno, no caso específico de Plínio Salgado, exceto a forma fragmentada e cheia de intertextualidades podem ser caracterizadas como um projeto modernista, pois o conteúdo e os aspectos pautados no processo político do autor nada mais foram do que concepções teorizadas no século XIX e uma ideia contextualizada no ambiente do antimaterialismo, que foi a imagem daquele período com a divulgação da *Rerum Novarum*.²⁷

Com um discurso baseado em um conjunto de verdades cristãs, a encíclica foi criada com a intenção de atingir uma sociedade em transformação:

A doutrina social da Igreja é um conjunto de ideias ou concepções (feitas de verdades, de princípios e de valores), que o Magistério vivo fundamenta na lei natural e na Revelação, e que adapta e aplica aos problemas sociais do nosso tempo, a fim de, segundo a maneira própria da Igreja, ajudar os povos e os governantes a organizar uma sociedade mais humana e mais conforme aos desígnios de Deus sobre o mundo.²⁸

Mediante a encíclica papal de Leão XIII, movimentos radicais de cunho conservador começaram a se organizar e surgir em todo o mundo como resposta à doutrina, ou seja, ocorreu uma forma de aplicação da teoria social da igreja e a AIB teve como uma de suas grandes fundamentações teóricas essa necessidade, vista no meio cristão, de aplicabilidade de tais dogmas no século XX. “Uma das influências mais fortes que o integralismo recebeu

²⁴ VASCONCELLOS, op. cit., p. 47.

²⁵ PINTO, 1983, op. cit., p. 1418.

²⁶ HENRIQUES, Mendo Castro. Perspectivas Ético-Económicas no Integralismo Lusitano. In: CARDOSO, José Luís (Org.). *Contribuições para a história do pensamento económico em Portugal*: comunicações apresentadas no Seminário sobre História do Pensamento Económico em Portugal organizado em outubro de 1987 pelo Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa (CISEP) do Instituto Superior de Economia. Lisboa. D. Quixote, 1988. p. 153 (grifo nosso).

²⁷ CARTA ENCÍCLICA *RERUM NOVARUM*. (1891). Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-iii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html>. Acesso em 18 jun. 2011.

²⁸ GUERRY, Émile (Mons.). *Doutrina social da Igreja*. Lisboa; São Paulo: SAMPEDRO; HERDER, 1960. p. 9.

adveio, claramente, da concepção cristã do mundo”.²⁹ Elementos semelhantes ocorreram em várias localidades no mundo ocidental, destaca-se o já mencionado IL e o seu foco inspirador no maurrasianismo, a *Accion Française*.

O pensamento de Plínio Salgado nasceu da influência do IL, que é oriundo no maurrasianismo, da Doutrina Social da Igreja, bem como de alguns aspectos da doutrina e prática do Fascismo italiano, regime do qual adotou o modelo do partido único e o corporativismo de Estado. Dentro destas concepções, aliadas ao autodidatismo nacionalista-cristão, além da influência familiar e a necessidade de um discurso de vanguarda, nasceu a AIB.

Em 1891, o Papa Leão XIII iniciou uma luta contra o que chamava de exploração dos operários; mas, ao mesmo tempo, uma oposição à luta de classes e ao marxismo.³⁰ Passou a enxergar e defender a religião como elemento de reforma e justiça social; enquanto, para Marx, tais mudanças só poderiam ocorrer através da revolução. Havia no pensamento católico um apelo ao espírito cristão para que os empregadores respeitassem os operários. Dessa forma a igreja alcançou diversos segmentos sociais cujo propósito maior era, sem dúvida, manter pensamentos materialistas afastados do poder, impedindo assim qualquer tipo de oposição à dominação cristã ocidental.

Parte da oposição marxista estava embasada em torno de um pensamento cristão conservador de cunho antimaterialista, base central da propagação idealizada em 1891, por Leão XIII e sua encíclica, a *Rerum Novarum*, que é vista pela igreja como a:

Primeira das grandes encíclicas sociais dos tempos modernos, a *Rerum Novarum* segue sendo hoje [...] a *Carta Magna do Trabalho*, princípio e fundamento do ensino social da Igreja. Leão XIII a projetou como a mais formidável e precisa teoria sobre as consciências dos cristãos da sua época, em defesa da classe trabalhadora. Mas os dotes excepcionais do professor e pastor a converteram em uma das obras mais rígidas de seu enorme trabalho doutrinal, cuja luz, longe de diminuir com o tempo, tem vindo a ganhar em clareza e em transcendência prática.³¹

O líder integralista brasileiro, por ser fiel aos dogmas cristãos católicos, não ficou inerte em relação às palavras oriundas do Vaticano. Nessa contextualização, o pensamento pliniano em relação à política brasileira foi estabelecido, uma vez que elementos de combate ao comunismo e liberalismo foram concepções centrais nas palavras de Leão XIII que tinha como propósito “proclamar o cristianismo como a única forma de se criar uma justiça social,

²⁹ RAGO FILHO, Antônio. *A Crítica Romântica à Miséria Brasileira: O Integralismo de Gustavo Barroso*. 1989. 436f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989. p. 157.

³⁰ Antes, porém, o pontífice Pio IX estabeleceu intensas lutas contra o liberalismo e o comunismo que estava surgindo em meados do século XIX. O papa definiu que as ideias de liberdades oriundas dos filósofos burgueses era a principal forma de destruição da ordem espiritualista cristã. Pio IX iniciou uma campanha contra o que chamou de falso liberalismo e na encíclica *Quanta Cura* de 1864, condenou dezesseis proposições que contrariavam a visão católica na época. Esta encíclica foi acompanhada pelo *Syllabus errorum*, que condenava concepções como o racionalismo, socialismo, comunismo, maçonaria e o judaísmo. Em relação ao combate cristão afirma-se: “Não restando alternativas à salvação desse mundo, como também da própria Igreja, a não ser ‘a conversão dos pecadores, a difusão da fé católica, a santidade do clero, o bom exemplo de todos os fiéis’, em suma, a salvação das almas individuais contra o liberalismo corruptor, que destruíra a única unidade possível, a unidade da Fé. Cabe assinalar também, que uma das ‘verdades eternas e essenciais’, que o integralismo abraça, reside na consideração da desigualdade sociais entre os homens como uma condição natural e imutável.” RAGO FILHO, op. cit., p. 177.

³¹ COMISION EPISCOPAL APOSTOLADO SOCIAL. *Doctrina social de la iglesia: desde la “Rerum Novarum” a la “Mater et Magistra”*. Madrid: E. Sánchez Leal, 1963. p. 16 (tradução livre).

por meio de um apelo às consciências individuais, concitando-os, sem distinção de classe e de credo, ao mesmo espírito social caridoso”.³²

O IL foi estruturado sob a mesma influência Católica.³³ Destaca-se a relação categórica entre a mensagem do pontífice e a caracterização política defendida pelo movimento português: “Este modelo era totalmente decalcado do corporativismo ou do sindicalismo de inspiração católica no conjunto de medidas que formavam a doutrina social da Igreja, como demonstrada a encíclica *Rerum Novarum* (1891) do Papa Leão XIII”.³⁴ Ao analisar os componentes políticos existentes na produção de Alberto de Monsaraz, um dos líderes do movimento português, vê-se que:

Inspirou-se amplamente no pensamento da doutrina social da Igreja, preconizada pelo Papa Leão XIII na sua encíclica *Rerum Novarum* de 1891. A doutrina social da Igreja afigurava-se ao entendimento integralista como um caminho orientador da sociedade para a realização da felicidade, através da explicitação da lei natural, que era o fundamento das relações sociais.³⁵

O discurso praticado pela Igreja em torno de um caminho orientador da sociedade no ato da criação das doutrinas sociais utilizou uma fundamentação apolítica, colocando em Deus a resposta para tais criações. Em 1981, o então Papa João Paulo II, na *Laborem Exercens*, sobre o trabalho humano argumentou:

A doutrina social da Igreja, efetivamente, tem a sua fonte na Sagrada Escritura, a começar do Livro do Gênesis e, em particular no Evangelho e nos escritos dos tempos apostólicos. Dedicar atenção aos problemas sociais faz parte desde os inícios do ensino da Igreja e da sua concepção do homem e da vida social e, especialmente, da moral social que foi sendo elaborada segundo às necessidades das diversas épocas. Um tal patrimônio tradicional foi depois herdado e desenvolvido pelo ensino dos Sumos Pontífices sobre a moderna “questão social”, a partir da Encíclica *Rerum Novarum*.³⁶

Em 1891, Leão XIII rejeitou veementemente qualquer tipo de solução proposta em torno do segmento do socialismo ou liberal. Para ele, a condição de miséria em que viviam os operários era elemento de debate e discussão, sendo o combate a essas duas condições essenciais ao avanço de uma doutrinação cristã social dos fiéis, pois: “sendo a doutrina social da Igreja um corpo de princípios hauridos, em última instância, nas Sagradas Escrituras, só poderá ser vinculativa para aqueles que acreditem nas mesmas escrituras”.³⁷

A encíclica de 1891 pode ser apontada “como um dos grandes acontecimentos da Igreja”.³⁸ Essa nomeação ocorre, uma vez que no fim do século XIX o problema social representava um grande problema em alguns países, com o crescimento operário e dos componentes socialistas. Dessa forma, era preciso impedir qualquer ação desses elementos,

³² RAGO FILHO, op. cit., p. 180.

³³ HENRIQUES, op. cit., p. 153.

³⁴ FERREIRA, Nuno Simão. Alberto de Monsaraz e a vaga dos nacionalismos e dos radicalismos político-autoritários europeus do pós-I Guerra mundial: um rumo até o fascismo? *Lusitana: história*, Lisboa, n. 4, p. 267-337, 2007. p. 283.

³⁵ Idem. 2009, op. cit., p. 256.

³⁶ *LABOREM EXERCENS*: dirigida aos veneráveis Irmãos no Episcopado aos Sacerdotes às Famílias religiosas aos Filhos e Filhas da Igreja e a todos os Homens de Boa Vontade sobre o Trabalho Humano no 90º aniversário da *Rerum Novarum* (1891). <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/encyclicals/hf_jpii_enc_1409191_laborem-exercens_po.html>. Acesso em: 18 jun. 2011.

³⁷ SILVA, Augusto da. Continuidade e inovação na doutrina social da Igreja. *Análise Social*, n. 123-124, p. 775-786, 1993. p. 781.

³⁸ FERNANDES, António José. *Social-Democracia e Doutrina Social da Igreja: incompatíveis ou convergentes?* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979. p. 91.

surgindo, assim, a encíclica no sentido de atender politicamente aos interesses do operário e “agradar” a burguesia (mesmo sendo criticada pelo pontífice dentro da doutrina liberal) que não teria a oposição revolucionária marxista.

Com base nesse discurso, vários movimentos conservadores radicais criaram suas concepções organizacionais. Além do já citado IL, vê-se, nas palavras de Plínio Salgado, ideias oriundas da doutrina social da igreja. No *Manifesto de Outubro de 1932*, que é o documento oficial de criação da AIB, ele afirmou que: “A questão social deve ser resolvida pela cooperação de todos, conforme a justiça e o desejo que cada um nutre de progredir e melhorar”.³⁹ Enfim, a doutrina religiosa, com o teor da questão social, assumiu um papel fundamental no exercício da sua passagem da criação literária para a atuação política; defendendo, repetidamente, ser o integralismo a: “afirmação de espiritualismo”.⁴⁰

Para compreender a origem do integralismo brasileiro, em especial o pensamento político de Plínio Salgado, é preciso recorrer, além de à doutrina social da igreja, na origem do congênere europeu, ao IL. A base inspiratória do grupo português está no movimento idealizado por Charles Maurras, a *Action Française*.⁴¹

Nesse sentido, para a compreensão do pensamento pliniano busca-se a análise da organização francesa, a exemplo do IL que “simultaneamente nacionalista e estrangeirado [...] recolheu, em síntese, a tradição antiliberal e católica portuguesa e o pensamento contrarrevolucionário, com uma forte matriz francesa, maurrasiana e positivista”.⁴²

O maurrasianismo é definido como o discurso original do pensamento autoritário. Foi na *Action Française* que as doutrinas revolucionárias, em torno de um pensamento nacionalista de cunho conservador, buscaram elementos de inspiração em diversos movimentos políticos do século XX. Ao analisar as origens e a existência dos movimentos fascistas na Europa,⁴³ estudos⁴⁴ estabelecem fundamentações para a compreensão do fascismo pelo movimento francês.

Ao realizar a ligação entre a *Rerum Novarum* e *Action Française*, no contexto do pensamento de Plínio Salgado, a presente investigação não tem como propósito afirmar que a doutrina social da igreja e o movimento francês apresentam relações, pelo contrário, a política de Leão XIII enxergava o pensamento monárquico de Charles Maurras como opositor em diversos sentidos. Apesar de ser uma concepção conservadora e paternalista, a doutrina social da igreja era uma fórmula que não agradava à *Action Française*, ou seja, há um componente oposicionista entre os dois em alguns períodos, tanto é que a Igreja assumiu um papel de condenação ao movimento francês, ainda que ele possuísse uma forte base católica no seu programa: “Esbanjando-se na glória de suas credenciais católicas, a *Action Française* estava totalmente despreparada para a avalanche que a oprimiu menos de um ano depois de ela ter atingido o auge de seu prestígio eclesiástico”.⁴⁵

³⁹ SALGADO, Plínio. *Manifesto de outubro de 1932*. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932b.

⁴⁰ Idem. Mensagem na semana heroica. In: _____. *Cartas aos camisas verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935b. p. 131.

⁴¹ LLOYD-JONES, Stewart. Integralismo lusitano: “made in France”? *Penélope: Revista de História e Ciências Sociais*, Lisboa, n. 28, p. 93-104, 2003.

⁴² FERREIRA, 2009, op. cit., p. 256.

⁴³ O Chefe das Milícias da AIB, Gustavo Barroso, desenvolveu, em 1936, na segunda parte da obra *Integralismo e o mundo* uma relação dos movimentos que eram entendidos por ele como fascistas. No item: O Fascismo na França aponta para a *Action Française* e em Fascismo em Portugal, para o Integralismo Monárquico, além do Movimento Nacional Sindicalista. BARROSO, Gustavo. *Integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

⁴⁴ NOLTE, Ernst. *Three faces of fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism*. New York; Chicago; San Francisco: Holt, Rinehart and Winston, 1966.

⁴⁵ ARNAL, Oscar L. *Ambivalent Alliance: the Catholic Church and the Action Française 1899-1939*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1985. p.123 (tradução livre).

Pode-se defini-lo como um intelectual que estudou e buscou inspiração simultaneamente em Maurras e nas encíclicas de Leão XIII, nomeadamente na *Rerum Novarum*, para compor seu pensamento. Enfim, não é um novo discurso, mas precisava surgir para a intelectualidade brasileira como original e de vanguarda, daí a entrada ambiciosa no movimento modernista da década de 1920, o que elevou o nome e o *status* do autor de um simples interiorano paulista a um intelectual respeitado nos núcleos literários e políticos nacionalistas cristãos de São Paulo.

A necessidade de compreensão do pensamento maurrasianista com a prática da *Action Française* tem uma significação necessária, uma vez que a análise dos discursos fascistas (e/ou conservadores radicais), existentes no século XX, remontam suas origens ao pensamento francês. A proposta é analisar essa relação franco-lusitana no aspecto teórico e a prática italiana como elementos de representação de um discurso brasileiro pautado no pensamento pliniano. A relação entre o movimento francês e os elementos conceituais fascistas pode ser observada em análise que estabelece proximidade com o movimento francês:

A relação entre a *Action Française* e o fascismo não deve ser considerada como uma relação de causa e efeito. Influências diretas existem, mas tanto quanto o nacionalismo italiano – que de todos os elementos do fascismo teve mais contato com a *Action Française* – não se devem inferir geneticamente deste. Por outro lado, eles certamente não são fenômenos meramente paralelos. Se é verdade que a prática de um pequeno grupo político dificilmente tem comparação com a de um movimento de massas vitorioso nos anos 20, via de regra, também é verdade que a doutrina original e auto-suficiente da *Action Française*, e a muitas vezes vacilante e em contínuo desenvolvimento doutrina do fascismo italiano não se movem no mesmo plano.⁴⁶

Não há pretensão de identificar elementos evolucionistas, é meramente impossível qualquer tipo de mostra comparativa de um movimento do fim do século XIX com um grupo de força e massa do século XX, no entanto, é impossível não observar a existência de elementos de influência entre um e outro: “A doutrina da *Action Française*, em relação ao fascismo deveria ser vista como inspiração, mas não como originária [...] Daí a *Action Française* é fascismo – por mais que ambos fossem, simultaneamente, a prática e a teoria”.⁴⁷ Através desse paralelismo, será analisado o pensamento pliniano que atingiu, na década de 1930, a expressão máxima, criando o tempo político e doutrinador.

No entanto a fixação doutrinária era recorrente e fazia parte da política e da sociedade portuguesa: “apesar da consciência dos males engendrados pela *Action Française* entre os jovens católicos”,⁴⁸ a continuidade doutrinária e política foi mantida e ainda transportada para o Brasil, pois a relação entre a intelectualidade lusitana e a brasileira era de fácil identificação, mesmo após a condenação do movimento por parte da Igreja Católica, Maurras foi: “acusado de colocar a política acima da religião”.⁴⁹

A proibição vinda do Vaticano não foi capaz de impedir a divulgação dos ideais no Brasil: “Católicos brasileiros, já familiarizados com a *Action Française* e que buscavam nela inspiração, mantiveram-se identificados com o Integralismo Lusitano”.⁵⁰ Uma das grandes

⁴⁶ NOLTE, op. cit., p. 145 (tradução livre).

⁴⁷ NOLTE, op. cit., p. 145 (tradução livre).

⁴⁸ MOURA, Maria Lúcia de Brito. A condenação da *Action Française* por Pio XI repercussões em Portugal. *Revista de História das Ideias*, Lisboa, v. 29, p. 545-585, 2008. p. 585.

⁴⁹ MALATIAN, Teresa. *Império e missão: um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo: Nacional, 2001. p. 85.

⁵⁰ *Ibidem*.

referências, para Plínio Salgado, foi Jackson de Figueiredo⁵¹ e as práticas do Centro Dom Vital.⁵²

Sobre a expansão do movimento conservador francês, verifica-se que: “a influência da doutrina da *Action Française* fazia-se sentir mais fortemente nos países latinos”,⁵³ chegando inclusive a países da América, como México, Argentina e Brasil.⁵⁴

Os primeiros ecos do maurrassismo são ouvidos a partir da virada do século XIX para o século XX, como testificam uma série de provas. Assim, um círculo da *Action Française* atua no Rio de Janeiro na primeira metade dos anos de 1900, organizando conferências que dão origem a propagandas ou comentários na imprensa, voltados principalmente para a pequena comunidade francesa localizada na capital brasileira.⁵⁵

No contexto pós-guerra, o maurrassismo se transformou em um discurso privilegiado nos grupos intelectuais católicos brasileiros,⁵⁶ refletindo-se também no Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro. O Centro foi criado, em 1922, por iniciativa de Jackson de Figueiredo⁵⁷ que via na reafirmação do catolicismo do Brasil uma necessidade espiritual após as mudanças do fim do século XIX.⁵⁸

Na figura de Jackson de Figueiredo há um elemento maior e de destaque para essa compreensão, principalmente pelas relações existentes com o IL e as teorias da *Action Française*. Vê-se uma relação teórica de Salgado com Figueiredo no sentido de defesa do nacionalismo radical de cunho conservador, que encontrou no IL um elemento de aprofundamento dos ideais maurrasianos. Em algumas interpretações, não se vê uma simples relação, mas um seguimento doutrinário e político. Em 1947, o vereador integralista, Jayme Ferreira da Silva, em um discurso na Câmara do Distrito, no Rio de Janeiro, sobre Jackson de Figueiredo afirmou: “considerado com razão, como precursor do Integralismo, citando que foi Jackson, quem trouxe ao conhecimento dos brasileiros a obra de António Sardinha”.⁵⁹ Vê-se que a relação entre os grupos é compactuada inclusive por membros do movimento brasileiro.

Destaca-se a força do movimento português no sentido de “salientar que ele inspirou não só alguns grupos brasileiros que iriam desembocar na *Ação Integralista Brasileira*, como ainda foi uma das referências da *Acción Española* (1931), com quem mantiveram estritas

⁵¹ Advogado, professor, jornalista, filósofo e político (1891-1928) que se converteu ao catolicismo e desenvolveu um grande movimento católico no Brasil de combate ao liberalismo e ao comunismo. A organização criada o Centro Dom Vital possui fundamental importância para a compreensão do movimento integralista brasileiro

⁵² O Centro Dom Vital foi fundado por Jackson de Figueiredo em 1922, com o apoio de D. Leme. A definição de seu papel está diretamente ligada à conjuntura social brasileira. [...] Um espírito de euforia e renovação emergia no período pós-guerra. Instituições políticas começavam a entrar em crise. [...] O Centro Dom Vital foi organizado com a finalidade de catolicizar as leis, lutar pela paz [...] enfim, para contribuir com o episcopado na obra de recatolicização da intelectualidade. DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil*. São Paulo: Unesp, 1996. p. 89-90.

⁵³ COMPAGNON, Olivier. Etude comparée des cas argentin et brésilien. In: DARD, Olivier; GRUNEWALD, Michel (Dir.). *Charles Maurras et l'étranger l'étranger et Charles Maurras: L'Action française – culture, politique, société II*. Berne: Peter Lang, 2009. p. 283 (tradução livre).

⁵⁴ Os integralistas lusitanos defendiam uma operacionalização de uma zona comum latina e da latinidade: “composta pelas nações e ocidentais, França, Bélgica, Espanha e Portugal” promovendo posteriormente uma junção com Brasil, Argentina e México. FERREIRA, 2007, op. cit., p. 295.

⁵⁵ COMPAGNON, 2009, op. cit., p. 286 (tradução livre).

⁵⁶ COMPAGNON, 2009, op. cit., p. 287.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ *Ibidem*. p. 287-288.

⁵⁹ SILVA, Jayme Ferreira. *A verdade sobre o integralismo*: discurso pronunciado na Câmara do Distrito Federal na Sessão de 9 de julho de 1947. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947. p. 7.

relações”.⁶⁰ A condenação da *Action Française* não representou obstáculos para o crescimento do nacionalismo integralista brasileiro. A suspensão do Vaticano não impediu que

[...] a geração brasileira do renascimento católico não parou de frequentar o maurrassismo. Isso é ilustrado pelo exemplo de Alceu Amoroso Lima em uma célebre obra de 1932 ‘o nacionalismo integral que Maurras sistematizou e que Mussolini colocou em prática’. Em terras lusas, o nacionalismo tomou todavia um rumo radicalmente diferente com a criação da Ação Integralista Brasileira, em outubro de 1932, considerada pela historiografia como o verdadeiro e único fascismo latino-americano. A Ação Integralista Brasileira de fato permitiu federar muitos pólos do nacionalismo brasileiro em torno da figura carismática de Plínio Salgado. [...] Por outro lado, Salgado e alguns outros produziram milhares de páginas a fim de lançar as bases de uma doutrina nacionalista especificamente brasileira, que não se resumiriam à importação de modelos de pensamento europeus ou, ao menos, que os emancipasse em nome do projeto político que o partido defendia. Isso explica porque Maurras e a *Action Française* foram abundantemente citados no corpus, mas não representam de forma alguma as matrizes do integralismo como por vezes apresentado. Certamente, a Ação Integralista Brasileira identifica claramente os inimigos da nação brasileira, denunciando o liberalismo, o socialismo, o capitalismo internacional e as sociedades secretas ligadas aos judeus e à maçonaria, em outras palavras uma variante dos quatro Estados confederados. Certamente, que a crítica do sufrágio universal e do sistema democrático formulados por Salgado foram baseadas no maurrassismo.⁶¹

Em torno da relação do maurrassismo na América Latina, observa-se um questionamento ao analisar o pensamento do líder integralista brasileiro: “Todavia, é de se estranhar a total ausência de referência à *Action Française* em obras fundamentais como *O que é integralismo* de Salgado”.⁶² A busca da originalidade⁶³ jamais permitiria que ele se rendesse perante uma força doutrinária, ainda mais, europeia: “A constatação de um desequilíbrio entre o *país legal* e o *país real*, como diria Charles Maurras, incita o autor, ainda de uma maneira fragmentária, à crítica da *utopia democrática*”.⁶⁴ A questão da impossibilidade da aplicação democrática é apenas um exemplo das várias perspectivas que há na *Action Française* e que teve no IL fundamentação e função de transportadora para a América Latina pela AIB.

Verifica-se que “Maurras; no entanto, sendo, como para muitos outros integralistas portugueses, o ponto de partida da sua formação política e intelectual; seria ultrapassado nos anos 20 por outras influências mais duradouras”.⁶⁵ Ou seja, a força fascista era evidente e

⁶⁰ PINTO, 1994, op. cit., p. 33.

⁶¹ COMPAGNON, 2009, op. cit., p. 294-295 (tradução livre).

⁶² Ibidem. p. 295 (tradução livre).

⁶³ Com o objetivo de demonstrar a relação do integralismo na ótica fascista, Gustavo Barroso, em 1936, na obra *Integralismo e o mundo*, promoveu a tradução de algumas matérias jornalísticas sobre o integralismo em periódicos dos EUA: “Na importante revista hispano-americana que se publica em Nova Iorque, *La Nueva Democracia*, no seu número de fevereiro de 1935, o professor Richard Pattee, reitor da Universidade de Porto Rico, publicou o seguinte artigo [...] o movimento integralista é um [...] fascismo adaptado à realidade brasileira, transplantado e modificado no solo americano, proclamando com outro nome, porém no fundo pretendendo-se às doutrinas conhecidas do Velho Mundo. [...] O mesmo crítico estampou a seguinte nota no número de abril de 1935, na revista *Books Abroad*, órgão oficial da Universidade de Oklahoma, nos Estados Unidos [...] que o integralismo é um fascismo apropriado à realidade brasileira”. BARROSO, op. cit., p. 230-233.

⁶⁴ TRINDADE, 1979, op. cit., p. 51. (grifo do autor).

⁶⁵ PINTO, 1994, op. cit., p. 38.

demonstrava uma relação muito mais viável e rentável para o sucesso da AIB, assim como parte do IL que entrou na aventura fascista através do Movimento Nacional-Sindicalismo. Ainda em 1922, Rolão Preto, o maior entusiasta português, dizia: “as notícias que nos vêm da Itália como as que nos chegam de França são as mais consoladoras e cheias de promessas”.⁶⁶

Caminhos de semelhança e proximidade demonstram em todos os níveis a relação intensa de um grupo com o outro. O maurrasianismo foi a raiz do pensamento pliniano, assim como de vários outros elementos conservadores de cunho radical. No entanto, dentro dessa perspectiva teórica, Plínio Salgado enxergava uma melhor fundamentação prática no movimento fascista italiano.

Entende-se que a sedução de Plínio Salgado pelo fascismo de Mussolini ultrapassou as relações com o movimento português, mas como a origem, tanto de um quanto do outro, é oriunda dos elementos fascistas da *Action Française*,⁶⁷ não é possível dividir o processo analítico, uma vez que o desenvolvimento doutrinário de Salgado está em vários pontos de relações externas. Mas, como o contato entre os integralismos foram no do campo das ideias, optou-se por verificar inicialmente o campo prático que foi o movimento italiano, para posteriormente confrontar os movimentos luso e brasileiro em uma perspectiva comparada com o percurso político e doutrinário de Plínio Salgado.

Em 1930, fez uma viagem à Itália e ressaltava ter sido um marco transformador do seu pensamento no sentido de criar uma concepção realmente prática do discurso nacionalista e reacionário no Brasil. Com “esperanças” e elogios apaixonados pelo fascismo, voltou ao Brasil. “A doutrina fascista estabelece o Estado, como o espelho perfeito do homem, como a própria ampliação do indivíduo”,⁶⁸ disse. A pretensão deste ensaio não é entrar na discussão que é realizada há décadas, se o integralismo é ou não é fascista, mas sim analisar as matrizes do discurso de Plínio Salgado que é visivelmente compactuante com a doutrina fascista, vigente no século XIX, na França. A associação religiosa e política com a imagem de uma concepção nacionalista para o Brasil foi o elemento central para a formação do integralismo sob a égide da gênese vinda da *Action Française* e que tem no Fascismo italiano o principal exemplo prático.

No dia 14 de junho de 1930, em um sábado, às 18h, quando conseguiu uma audiência com o líder italiano, Benito Mussolini. Esse encontro, durante anos, foi colocado como a prova viva e cabal da relação de Salgado com o líder italiano. Após recentes pesquisas,⁶⁹ viu-se que o encontro nada mais foi do que uma breve reunião de 15 minutos,⁷⁰ ou seja, foi algo formal sem qualquer tipo de mistérios. Todavia, o importante é que, a partir desse momento, mostrou-se encantado com a prática de elementos anticomunistas e antiliberais, como Leão XIII pregou e de forma radical, com um cunho conservador, como Charles Maurras idealizou. Com base em uma organização espiritual de cunho conservador e nacionalista, estava sendo consolidada a doutrinação que ele estava montando no Brasil: a AIB.

Em 1932, escreveu um artigo para a *Revista Hierarchia*. Esse artigo foi republicado no mesmo ano como folheto pela Sociedade Editora Latina, emanção do consulado italiano de São Paulo, dirigida pelo professor Ferruccio Rubbiani, que era uma dos assessores culturais italianos no consulado. Tal documento curiosamente não integra a lista oficial das referências bibliográficas do autor, tampouco foi inserida nas *Obras Completas*, lançada na década de

⁶⁶ PRETO, Rolão. A Monarquia Social. *Nação Portuguesa*: revista de cultura nacionalista. Lisboa, n. 6, 2ª série, 1922, p. 276. (Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa – AHS/ICS-UL).

⁶⁷ NOLTE, op. cit.

⁶⁸ SALGADO, Como eu vi a Itália. *Hierarchia*. p. 202-205, mar; abr. 1932a. p. 204.

⁶⁹ A pesquisa foi desenvolvida pelo historiador João Fábio Bertonha (UEM) e gentilmente disponibilizada na lista de discussão do Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT) em 2010.

⁷⁰ Archivio Centrale dello Stato, Segreteria Particolare del Duce, Carteggio Ordinario, Udienze, b. 3102, f. giugno/1930.

1950. O motivo é claro. Plínio Salgado desenvolveu, neste material, elogios abertos e explícitos ao regime fascista e esta imagem era a que desejava excluir, após a Segunda Grande Guerra Mundial. Também elogios inseridos em artigo publicado no jornal *O Paiz*, após aproximadamente 1 mês da reunião com o líder fascista italiano, não integram nenhuma publicação editorial do autor. No periódico carioca, teceu elogios ao fascismo italiano, e relatou abertamente a necessidade de um movimento semelhante no Brasil, desejo intensificado após o encontro:

Mussolini me receberia, às 18 horas. A mim e aos meus companheiros de excursão pela Itália. [...] Tudo correu para nós tão fácil e tão rápido, que fomos levados a concluir: Mussolini gosta dos intelectuais e gosta do Brasil. [...] Todo esse espetáculo da Nova Itália era a criação milagrosa de um homem, que eletriza as multidões, porque é portador de uma ideia, que arrasta, atrás de si o tropel que retumba, de uma nacionalidade que marcha, irrevogavelmente, porque leva nas suas mãos o facho aceso da inteligência. Esse o homem com quem íamos palestrar. [...] Ao avistar-nos, caminha ao nosso encontro. Nós avançamos para ele, de olhos fixos. E, nesse, instante, como a claridade de uma luz, com uma expressão de bondade infinita, acolhedora e carinhosa, ouvimos uma voz límpida, que desarma todas as minhas frases protocolares, que nos põe à vontade, felizes e tranquilos: - Sede bem-vindos amigos brasileiros! Era a voz de Mussolini. Boa e simples. É a figura do Duce, modesta e afetuosa. É o maior vulto da Europa contemporânea, e que forma, com Lenine e Gandhi, o grande tríptico da Humanidade de hoje, é ele que se faz pequeno na intimidade, ou talvez maior, porque toda grandeza é simples... [...] Mussolini é um emotivo. Observei-o a certos trechos da nossa palestra. Sinal do gênio.⁷¹

Vê-se a admiração que Plínio Salgado nutria por Mussolini. No artigo, o líder integralista brasileiro deixou explícito o seu desejo no Brasil: criar um movimento fascista, assim como o italiano: “Nós éramos o Brasil-Novo que ia falar à Itália ressuscitada no esplendor de uma juventude de primavera. A doutrina corrente entre os moços da nossa Pátria coincidia, nas suas linhas gerais, com os largos lineamentos da ideia fascista”.⁷²

No artigo posterior da *Revista Hierarquia*, o autor elevou a Itália a um patamar de superioridade: “A Itália que eu vi merece todo o amor do Homem deste século de ameaças”.⁷³ Mussolini era colocado por ele em uma posição de privilégio por ter alcançado a prática fascista e que relata a “reunião” – de 15 minutos – como tendo sido um momento único em sua vida, por ter tido contato com uma sabedoria profunda:

Numa tarde de junho, depois de ter visto toda a Itália Nova, depois de a ter julgado com todo o rigor, eu me vi, no Palácio de Venezia, frente a frente com o gênio criador da política do Futuro. Era um homem de estatura regular, de olhos azuis, de gestos seguros e de voz firme. E esse gesto e essa voz pareciam exprimir uma concepção de vida. Por eram quentes e queriam ser impetuosos, como afirmações violentas de personalidade individual; porém, eram ao mesmo tempo, brando e refletidos, e se condicionavam numa perfeita expressão de ponderada disciplina. Por vezes, no correr da palestra, aqueles olhos se iluminavam, como se perpassasse por ele a chama de um ideal superior; e, em seguida, como se cerravam levemente, dir-se-ia que a retomar um ritmo que constitui toda a sabedoria de uma raça. Esse homem, de expressão vigorosa, tinha uma máscara inconfundível, onde velhos sofrimentos e velhas lutas pareciam ter marcado a passagem de uma vida agitada e forte. Era o homem que viera do seio

⁷¹ SALGADO, Plínio. Mussolini e o Brasil Novo. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1930.

⁷² Idem. 1930, op. cit.

⁷³ Idem 1932b, op. cit., p. 205.

das multidões com a luz do gênio latino, médium supremo da nacionalidade, profeta das Nações e contemporâneo do Futuro. Era Mussolini. [...] Esse homem criará a Nova Itália, Mas não ficará ali. Cidadão da Humanidade oferecerá aos Povos angustiados o conteúdo ideológico do Estado que deverá constituir a essência dos princípios políticos dos países que preferirem uma Humanidade humana a uma Humanidade mecânica.⁷⁴

A necessidade de criar algo sólido no Brasil despertou o seu olhar para a Itália. Entendível o engrandecimento do autor pelo regime fascista italiano; mas, ao mesmo tempo em que o enxergava o fascismo como uma referência a ser seguida, mostrava a necessidade de um movimento baseado na originalidade, o que representava a sua ambiguidade:

Lembro-me bem das palavras da minha despedida. Mussolini lera no meu olhar o meu grande amor pelo Brasil. Augurou-me os mais completos triunfos a mocidade do meu país. E concitando-me a não esmorecer no entusiasmo e na fé pelo futuro do Brasil, pediu-me que fizesse justiça a sua Itália. [...] Foi assim que eu compreendi, foi assim que eu vi a Itália.⁷⁵

Com essa visão, o autor iniciou a praticidade do pensamento nacionalista e, em torno de tais pensamentos, buscava o nascimento de uma nova cultura política necessária, uma vez que o surgimento de novas concepções correspondem: “às respostas dadas a uma sociedade face aos grandes problemas e às grandes crises da sua história, respostas com fundamento bastante para que se inscrevam na duração e atravessem as gerações”.⁷⁶

No fim de fevereiro de 1932, fundou-se a SEP,⁷⁷ um órgão que é resultado do trabalho político realizado pelo jornal *A Razão*. A criação objetivava a organização de um grupo que pudesse discutir a organização de um novo movimento político, tendo como princípio um forte nacionalismo conservador e revolucionário, seguindo assim, a proposta de Mussolini. Essa fundação foi resultado de vários outros movimentos que existiram no Brasil em anos anteriores, são grupos que podem ser denominados como pré-integralistas. Dentre os movimentos destaca-se a Ação Imperial Patrionovista Brasileira (AIPB), uma organização neomonarquista católica, fundada para recuperar a monarquia no Brasil, seguindo as mesmas características medievais com base na estrutura real e católica, sendo que com esse movimento, Plínio Salgado passou a ter, de forma mais delineada, as ideias que passariam a fazer parte da estruturação da AIB.

A AIPB possui uma importância fundamental no desenvolvimento da estrutura política em torno do movimento integralista no Brasil, pois foi mediante incentivo dos monárquicos brasileiros que chegou ao país os ideais pautados no discurso católico e monárquico do IL. O reflexo cultural do movimento português se manifestou “inicialmente em movimentos de cariz monárquico como a Ação Imperial Patrionovista Brasileira, criada em 1928”.⁷⁸

Além da caracterização que fez da AIB; como movimento fascista brasileiro, Gustavo Barroso, ao analisar o programa do patrionovismo, na obra *Integralismo e o mundo*, explicitou: “O *Patrionovismo* é monarquista, porque é integralista”.⁷⁹ A relação de

⁷⁴ SALGADO, 1932b, op. cit., p. 205.

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 355.

⁷⁷ A primeira reunião para a formação da Sociedade de Estudos Políticos realiza-se em 24 de fevereiro de 1932, por iniciativa de Salgado em São Paulo, na sede do jornal *A Razão*. Nesta reunião participa um grupo de jovens intelectuais: Cândido Mota Filho, Ataliba Nogueira, Mário Graciotti, João Leães Sobrinho, Fernando Callage e vários estudantes da Faculdade de Direito. TRINDADE, 1979, op. cit., p. 116.

⁷⁸ PINTO, 1994, op. cit., p. 144.

⁷⁹ BARROSO, 1936, op. cit., p. 43.

proximidade entre os dois processos políticos⁸⁰ é evidente, “o brasileiro, posterior ao português, foi expressamente influenciado por este”.⁸¹ No entanto a investigação não está afirmando que o movimento integralista brasileiro possui a defesa monárquica, como o congênere lusitano, ainda que, na década de 1920, mantivesse boas relações com o regime monárquico. Ao contrário de muitos, o líder integralista não desenvolveu grandes discursos contra a monarquia, apesar de ser um crítico ferrenho do modelo monárquico existente no Brasil até 1889. Em conferência pronunciada em 23 de maio de 1937,⁸² no Rio de Janeiro, criticou o federalismo para a defesa do Estado Integral e condenou o regime de D. Pedro II no sentido da constituição da centralização política do Imperador: o “poder pessoal do Monarca era nocivo”.⁸³ A sua crítica caminhava no sentido de não enxergar na figura do imperador um modelo capaz de inspirar uma mística em torno do trono. A imagem do:

[...] governante ideal foi calcada na monarquia portuguesa e mais concretamente em Afonso Henriques, fundador da nacionalidade portuguesa e associado a uma profecia, a mesma difundida pelo Integralismo Lusitano, de que sobre a descendência desse personagem seria fundado um grande Império, época de progresso incomparável da nação católica.⁸⁴

A proposta missionária da monarquia portuguesa, associando o primeiro rei de Portugal no século XII e a necessidade de criar um império missionário brasileiro passou a ser uma tônica na relação entre o IL com a AIPB intensamente, inclusive promovendo trocas culturais e ideológicas entre os grupos. Na revista *Integralismo Lusitano: estudos portugueses*, que era dirigida por Luís de Almeida Braga e Hipólito Raposo, constam mensagens de apoio na luta dos neomonárquicos brasileiros no sentido de defender a doutrina idealizada no interior do IL:

Patrionovismo: com esta designação iniciou-se há poucos anos no Brasil um movimento de ideias político-sociais, destinado a instaurar nos costumes a ordem cristã e latina e a reconduzir a Pátria-Irmã ao caminho perdido da sua Grandeza pela restauração do Império, na pessoa do príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança. Movimento da mocidade já doutrinado nos princípios antiliberais e antidemocráticos, norteia-o a certeza de que é essencial à conservação da unidade do Brasil a existência de um poder político, forte, contínuo e seguramente nacional nas suas intenções, que não possa ser escravo do partido da maioria, por ficar sobranceiro a todas as facções. Alheios à política do Brasil, como devemos ser, nada nos impede de saudar a grande esperança que a sua juventude põe nos mesmos princípios de salvação pública por que há vinte anos vimos lutando, em

⁸⁰ Além de uma relação teórica, Plínio Salgado mostrava ser um admirador do movimento lusitano, pois além de possuir vários contatos com membros do congênere português, diversos recortes e materiais dos integralistas foram localizados no Fundo Plínio Salgado no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, entre eles poemas de António Sardinha e textos de Alberto de Monsaraz. Cf. SARDINHA, António. Poema do cavalo. *Acção*, Lisboa, abr. 1945. (Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/Fundo Plínio Salgado – APHRC/FPS-107.002); MONSARAZ, Alberto. (sob o pseudônimo Évora Macedo). A Monarquia Futura I, II, III e IV. *O Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa, 14, 15, 16, 21 maio. 1947. MONSARAZ, Alberto. (sob o pseudônimo Évora Macedo). Atlântico e Liberdade. *O Jornal do Comércio e das Colónias*, Lisboa, 26 maio. 1947 (APHRC/FPS-109.004).

⁸¹ MACEDO, Ubiratan Borges de. O integralismo em Portugal e no Brasil. *Convivium*, São Paulo, v. 28, p. 323-340, 1983. p. 323.

⁸² O texto também foi reproduzido em: SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1956. p. 209-224, mas com a datação de 29 de maio de 1937.

⁸³ Idem. Salvemos a Democracia! In: _____. *O integralismo perante a nação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1950, p. 89.

⁸⁴ MALATIAN, op. cit., p. 137.

obediência à lei do sacrifício pelo bem-comum. Aos rapazes patrimonialistas, os integralistas da grande e querida Nação-Irmã, enviamos os mais afetuosos votos e a melhor lembrança de apreço aos órgãos dos seus centros [...] agradecendo a todos as palavras com que acolheram o *Integralismo Lusitano*.⁸⁵

O integralismo brasileiro deve sua opção republicana a Miguel Reale.⁸⁶ Havia no interior da AIB várias divergências sobre segmento político, principalmente entre Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Este último ocupava a chefia do Departamento Nacional de Doutrina e, por sua vez, o controle de vários mecanismos políticos difundidos no movimento. Ao contrário de Plínio Salgado, Reale não via os movimentos monárquicos com bons olhos: “O republicanismo e um certo preconceito antifrancês explica sua atitude com relação à Ação Francesa e ao Integralismo, ambos monarquistas”.⁸⁷

Defensores de uma política tradicionalista, os integralistas ao analisar o Primeiro-Ministro de D. José I, o Marquês de Pombal, começaram: “Por afirmar que o *absolutismo* não era uma forma política reprovável e que não se podia confundir com o *despotismo* ou a *tiranía*”.⁸⁸ O grupo dos integralistas,

[...] deseja provar que na nossa monarquia, salvo raras exceções, não houve ‘absolutismo’, pois os reis procuraram sempre respeitar as leis existentes e as liberdades do povo português. No liberalismo é que, efetivamente, houve ‘absolutismo’, pois calcaram-se as leis legítimas da monarquia. Esta foi, de fato, a deia apresentada pelos integralistas, que distinguiram ‘poder pessoal’, que o rei tem efetivamente de assumir, e ‘poder absoluto’, que constitui já um vício. [...] É neste contexto teórico – de combate, é certo, mas já fora do ambiente polêmico pombalino de 1882 – que temos de entender a posição integralista em relação ao Ministro de D. José. Ela vai considerar que o ‘poder absoluto’ só existiu em Portugal no tempo de Pombal. [...] Diga-se, porém, como complemento, que não era o integralismo, movimento de raiz miguelista, o único setor monárquico que então tomara posição contra as manifestações em honra de Pombal.⁸⁹

A partir dessa visão, compreende-se, com maior fluidez, que o objetivo dos integralistas lusitanos não era simplesmente promover a restauração nacional da época monárquica e, sim, criar um elemento que pudesse justificar a necessidade de retomar o Portugal dos chamados “temos áureos”, no processo caracterizado como medieval. António Sardinha afirmou que: “é de uso corrente reputar-se à Idade Média como um eclipse duradouro da inteligência humana, só ressuscitada do seu sono longuíssimo pelos clarões vitoriosos da Renascença. A calúnia da Idade Média é a calúnia contra a Igreja”.⁹⁰ Ou seja, os valores medievais de defesa nacionalista, para Plínio Salgado, estavam associados a uma prática cristã. Tal modo de pensar levou-o a afirmar que: “Construir uma Pátria é muito difícil. [...] Porque uma Nação pode ser uma obra política, mas uma Pátria é uma arquitetura moral e espiritual”.⁹¹ Pensar o nacionalismo com a prática religiosa era o caminho difundido

⁸⁵ RES ET VERBA. BRAGA, Luís de Almeida; RAPOSO, Hipólito (dir.). *Integralismo Lusitano: estudos portugueses*. Lisboa: Tip. Inglesa, 1932-1934, p. 250-251. (AHS/ICS-UL).

⁸⁶ TRINDADE, 1979, op. cit., p. 251.

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ TORRALBA, Luís Reis. *História e Ideologia*. Coimbra: Minerva História, 1989. p. 84.

⁸⁹ Ibidem. p. 87.

⁹⁰ SARDINHA, António. *A teoria das cortes gerais*. 2. ed. Lisboa: qp, 1975. p. 20.

⁹¹ SALGADO, Plínio. O drama dos constructores de pátrias. In: _____. *Palavra nova dos tempos novos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936a. p. 15-18.

por ele, que discursava aos militantes defendendo a relação entre o sentimento nacional e o pensamento cristão. Em entrevista concedida ao *Correio da Manhã*, afirmou:

Despertar em si próprio as forças do sentimento nacional porque a fusão de todas as centelhas de patriotismo de cada coração formará fogueira que incendiará o grande coração da Pátria Total. Pedir a Deus coragem e paciência, fortaleza e inspiração, energia e bondade, severidade sem alarde, bravura sem ostentação, virtude sem orgulho puritanista, humildade sem dignidade e dignidade sem egolatria.⁹²

O renascimento espiritual foi um movimento que se manifestou sob a influência francesa, com o objetivo de restaurar valores espiritualistas na poesia, na prosa e na filosofia. “Este movimento de espiritualização dos intelectuais é marcado, como o da França, no início do século, por um espírito antimoderno, antiburguês pela nostalgia da Idade Média”.⁹³

Com a fundação da AIB e a liderança indiscutível de Plínio Salgado, “tornou-se insuperável a divergência entre patríonovistas e plinistas”.⁹⁴ As divergências entre a AIPB e a AIB eram muito claras e incapazes de promover uma relação de ligação ampla e total entre os grupos. A separação que se estabeleceu entre esses grupos não quer dizer oposição. Em diversos momentos, os patríonovistas brasileiros (que eram em menor número) demonstraram apoio aos integralistas, principalmente no que toca ao discurso em torno da prática social corporativista, dentro de um preceito cristão de ideias oriundas da *Action Française* e do IL. Exemplo claro ocorreu na eleição presidencial de 1955, da qual Plínio Salgado foi candidato. O jornal *Monarquia: órgão da chefia geral patríonovista*, afirmou em nota: “Presidência da República – Confirmando por este meio os comunicados anteriores, o Chefe Geral Patríonovista, Com.Prof.Dr. Arlindo Veiga dos Santos, aconselha aos patríonovistas e outros monárquicos não filiados à A.I.P.B. a candidatura de Plínio Salgado”.⁹⁵

Com essa relação, os elementos franco-lusitanos consolidaram o pensamento de Plínio Salgado em torno do conservadorismo radical brasileiro. Para identificar a concepção intelectual contida no movimento integralista, recorre-se a uma análise do movimento de maior inspiração do líder brasileiro, o IL, influenciado na *Action Française*, e à experiência prática do fascismo italiano, embasado na Doutrina Social da Igreja. Esses movimentos serviram de fundamentação para a construção política de uma organização fascista travestida de nacionalismo cristão, cujo único propósito era alcançar o poder máximo em torno do líder indiscutível Plínio Salgado, que poderia, no entanto, assumir o papel “real” inexistente no Brasil republicano. Em 1937 a AIB foi extinta por decreto ditatorial de Getúlio Vargas, culminando com o exílio de Plínio Salgado em Portugal a partir de 1939. Com relações diretas, o conservadorismo lusitano promoveu uma reorientação doutrinária no pensamento político do integralista, estabelecendo a criação de novos direcionamentos a partir de 1946 quando retornou ao Brasil. A política salazarista através de uma relação com o catolicismo causou uma sedução em Plínio Salgado que passou a ser rotulado de luso-brasileiro, elemento que caminhou até o fim de sua vida em 1975, tendo como base a matriz do corporativismo exemplificado no modelo português.

⁹² Idem. Sentido e rythmo da nossa revolução. In: _____. *A doutrina do Sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935e. p. 18.

⁹³ TRINDADE, 1979, op. cit., p. 30.

⁹⁴ MALATIAN, op. cit., p. 67.

⁹⁵ *Monarquia: órgão da chefia geral patríonovista*. São Paulo, n. 3, out, 1955 (Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Arquivo Oliveira Salazar - ANTT/AOS/PC-3R).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNAL, Oscar L. *Ambivalent Alliance: the Catholic Church and the Action Française 1899-1939*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1985.
- BARROSO, Gustavo. *Integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- CARTA ENCÍCLICA *RERUM NOVARUM*. (1891). Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html>. Acesso em 18 jun. 2011.
- CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 2. ed. Belo Horizonte: Una, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: _____; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- COMISION EPISCOPAL APOSTOLADO SOCIAL. *Doctrina social de la iglesia: desde la “Rerum Novarum” a la “Mater et Magistra”*. Madrid: E. Sánchez Leal, 1963.
- COMPAGNON, Olivier. Etude comparée des cas argentin et brésilien. In: DARD, Olivier; GRUNEWALD, Michel (Dir.). *Charles Maurras et l'étranger l'étranger et Charles Maurras: L'Action française – culture, politique, société II*. Berne: Peter Lang, 2009.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997.
- FERNANDES, António José. *Social-Democracia e Doutrina Social da Igreja: incompatíveis ou convergentes?* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.
- FERREIRA, Nuno Simão. Alberto de Monsaraz e a vaga dos nacionalismos e dos radicalismos político-autoritários europeus do pós-I Guerra mundial: um rumo até o fascismo? *Lusíada: história*, Lisboa, n. 4, p. 267-337, 2007.
- _____. A I República e os integralistas: a visão de Alberto de Monsaraz. *Lusíada: história*, Lisboa, n. 5-6, p. 237-193, 2009.
- GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. 2012. 668f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- GRIFFIN, Roger. The nation reborn: a new ideal type of generic fascism. *Paper apresentado no XV World Congress of the IPSA*, Buenos Aires, p. 33-38, jul. 1991.
- GUERRY, Émile (Mons.). *Doutrina social da Igreja*. Lisboa; São Paulo: SAMPEDRO; HERDER, 1960.
- HENRIQUES, Mendo Castro. Perspectivas Ético-Económicas no Integralismo Lusitano. In: CARDOSO, José Luís (Org.). *Contribuições para a história do pensamento económico em Portugal: comunicações apresentadas no Seminário sobre História do Pensamento Económico em Portugal organizado em outubro de 1987 pelo Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa (CISEP) do Instituto Superior de Economia*. Lisboa. D. Quixote, 1988.
- LABOREM EXERCENS*: dirigida aos veneráveis Irmãos no Episcopado aos Sacerdotes às Famílias religiosas aos Filhos e Filhas da Igreja e a todos os Homens de Boa Vontade sobre o Trabalho Humano no 90º aniversário da Rerum Novarum (1981). <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals////documents/hf_jpii_enc_14091_91_laborem-exercens_po.html>. Acesso em: 18 jun. 2011.
- LLOYD-JONES, Stewart. Integralismo lusitano: “made in France”? *Penélope: Revista de História e Ciências Sociais*, Lisboa, n. 28, p. 93-104, 2003.
- MACEDO, Ubiratan Borges de. O integralismo em Portugal e no Brasil. *Convivium*, São Paulo, v. 28, p. 323-340, 1983.

- MALATIAN, Teresa. *Império e missão: um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo: Nacional, 2001. p. 85.
- MOURA, Maria Lúcia de Brito. A condenação da *Action Française* por Pio XI repercussões em Portugal. *Revista de História das Ideias*, Lisboa, v. 29, p. 545-585, 2008. p. 585.
- NOLTE, Ernst. *Three faces of fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism*. New York; Chicago; San Francisco: Holt, Rinehart and Winston, 1966.
- DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil*. São Paulo: Unesp, 1996. p. 89-90.
- PINTO, António Costa. A formação do integralismo lusitano (1907-17). *Análise Social*, Lisboa, n. 70, p. 1409-1419, 1983.
- _____. *Os Camisas Azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal – 1914-1945*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- PRADO, António Arnoni. *1922 – itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a semana e o integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- RAGO FILHO, António. *A Crítica Romântica à Miséria Brasileira: O Integralismo de Gustavo Barroso*. 1989. 436f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989. p. 157.
- RAPOSO, Hipólito. *Dois Nacionalismos: L’Action Française e o Integralismo Lusitano*. Lisboa: Ferej Torres, 1929. p. 33.
- RES ET VERBA. BRAGA, Luís de Almeida; RAPOSO, Hipólito (dir.). *Integralismo Lusitano: estudos portugueses*. Lisboa: Tip.Inglesa, 1932-1934, p. 250-251.
- SALGADO, Plínio. Mussolini e o Brasil Novo. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1930.
- _____. Como eu vi a Itália. *Hierarchia*. p. 202-205, mar; abr. 1932a.
- _____. *Manifesto de outubro de 1932*. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932b.
- _____. A “Virtú” de Machiavel. In: _____. *Despertemos a Nação!* Rio de Janeiro: José Olympio, 1935a.
- _____. Mensagem na semana heroica. In: _____. *Cartas aos camisas verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935b.
- _____. O problema da ordem. In: _____. *A doutrina do Sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935c.
- _____. *Psycologia da Revolução*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935d.
- _____. Sentido e rythmo da nossa revolução. In: _____. *A doutrina do Sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935e.
- _____. O drama dos constructores de pátrias. In: _____. *Palavra nova dos tempos novos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936a.
- _____. *O estrangeiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936b.
- _____. *Psycologia da Revolução*: revista e enriquecida de novas anotações e um prefácio do autor. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937a.
- _____. *O que é o integralismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Schmidt, 1937b.
- _____. Salvemos a Democracia! In: _____. *O integralismo perante a nação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1950.
- _____. *Livro verde da minha campanha*. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1956.
- SARDINHA, António. *A teoria das cortes gerais*. 2. ed. Lisboa: qp, 1975. p. 20.
- SILVA, Augusto da. Continuidade e inovação na doutrina social da Igreja. *Análise Social*, n. 123-124, p. 775-786, 1993.
- SILVA, Jayme Ferreira. *A verdade sobre o integralismo*: discurso pronunciado na Câmara do Distrito Federal na Sessão de 9 de julho de 1947. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- TORGAL, Luís Reis. *História e Ideologia*. Coimbra: Minerva História, 1989. p. 84.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.